

Donna Leon

A Rapariga dos Seus Sonhos

Tradução
Ana Maria Pinto da Silva

 Planeta

Para Leonhard Toenz

*Der Tod macht mich nicht beben.
Nur meine Mutter dauert mich;
Sie stirbt vor Gram ganz sicherlich.*

A morte não me faz tremer.
Lamento apenas pela minha mãe.
Por certo ela morrerá de desgosto.

Die Zauberflöte (A Flauta Mágica)
MOZART

Capítulo 1

Brunetti descobriu que contar até quatro em silêncio e depois outra e outra vez lhe permitia bloquear a maioria dos demais pensamentos. Não lhe ofuscava a vista, mas era um dia pleno da graça e da generosidade da Primavera, por isso, desde que mantivesse os seus olhos erguidos acima das cabeças das pessoas que o rodeavam, podia examinar as copas dos ciprestes, até mesmo o céu salpicado de nuvens, e o que via agradava-lhe. Ao longe, se virasse apenas a cabeça ligeiramente, podia ver o interior de um muro de tijolo e sabia que por trás dele ficava a torre de San Marco. A contagem era uma espécie de contracção mental, semelhante à forma como contraía os seus ombros no tempo frio na esperança de que, diminuindo a área exposta ao frio, sofresse menos. Por conseguinte, aqui, expondo menos a sua mente àquilo que estava a acontecer em seu redor talvez pudesse diminuir a dor.

Paola, à sua direita, enfiou o seu braço no dele e, juntos, acertaram o passo. À sua esquerda vinha o seu irmão Sergio, a mulher de Sergio e dois dos seus filhos. Raffi e Chiara caminhavam atrás de si e de Paola. Voltou-se e olhou de relance para os filhos e sorriu: um rasgo frágil, dissipando-se com rapidez no ar matinal. Chiara devolveu-lhe o sorriso, Raffi baixou os olhos.

Brunetti comprimiu o seu braço de encontro ao de Paola, baixando os olhos e contemplando-lhe o alto da cabeça. Reparou que o cabelo dela estava puxado para trás da sua orelha esquerda e que ela usava os brincos de ouro e lápis-lazúli que lhe oferecera no Natal dois anos antes. O azul

do brinco era mais claro do que o seu casaco azul-escuro: ela vestira esse e não o preto. Quando teria parado, perguntou-se ele, aquela regra tácita de que se usaria preto nos funerais? Lembrou-se do funeral do seu avô, em que toda a gente da família, em especial as mulheres, se vestiu de preto e exibia um ar de carpideiras contratadas num romance vitoriano, embora isso tenha acontecido muito antes de ele perceber alguma coisa acerca dos romances vitorianos.

O irmão mais velho do seu avô ainda era vivo nessa altura, recordou-se Brunetti, e caminhara atrás do caixão, neste mesmo cemitério, sob estas mesmas árvores, atrás de um padre que devia estar a recitar as mesmas orações. Brunetti recordava-se de que o velhote levava consigo um torrão de terra da sua quinta nos arredores de Dolo – há muito desaparecida agora e pavimentada pelo asfalto de uma *autostrada* e engolida pelas fábricas. Recordou-se da maneira como o seu tio-avô tirara o lenço do bolso quando ali ficaram todos de pé em silêncio em torno da cova aberta à medida que o esquife era descido para dentro dela. E lembrou-se de que o velhote – deveria rondar os noventa anos, mais coisa menos coisa – desdobrara o pano e retirara de lá o pequeno torrão de terra e o lançou sobre a tampa do caixão.

Esse gesto permanecera como sendo uma das recordações indeléveis da sua infância, pois nunca compreendeu por que razão o velhote levava consigo a sua própria terra, nem nunca ninguém na família fora capaz de lho explicar. Perguntou-se, ali de pé agora, se toda a cena não teria sido apenas fruto da imaginação de uma criança nervosa e ansiosa, compelida ao silêncio pela visão da maioria das pessoas que conhecia amortalhadas de preto e pela confusão que resultara da tentativa da sua mãe em explicar à sua pequena pessoa de seis anos o que era a morte.

Agora ela sabia-o, supôs ele. Ou não. Brunetti tendia a acreditar que o horror da morte residia na ausência de consciência, de que os mortos deixavam de saber, deixavam de compreender, deixavam tudo. Os primeiros anos da sua vida foram preenchidos com mitos: o Menino Jesus a dormir na sua cama, a ressurreição da carne, um mundo melhor para onde os bons e os crentes prosseguiram a sua jornada.

No entanto, o seu pai nunca acreditara: e isso fora uma das constantes na infância de Brunetti. Era um descrente silencioso que não tecia

quaisquer comentários à manifesta fé da sua mulher. Nunca ia à igreja, ausentava-se sempre que um padre vinha abençoar e benzer a casa, não assistiu aos baptizados dos seus filhos, nem às primeiras comunhões, nem aos crismas. Quando lhe faziam perguntas sobre o assunto, o pai de Brunetti resmungava entredentes, *Sciocchezze*, ou *Roba da donne*, e o assunto ficava por aí, deixando os seus dois filhos livres para o seguirem se quisessem na convicção de que a observação religiosa era um assunto disparatado de mulheres, ou esquisitices de mulheres disparatadas. Mas no fim venceram-no afinal, reflectiu Brunetti. Um padre tinha ido até ao seu quarto no Ospedale Civile e dera ao moribundo Brunetti a extrema-unção e fora rezada uma missa de corpo presente no seu enterro.

Talvez tudo isso tivesse sido feito para consolo da sua mulher. Brunetti já vira mortes suficientes para saber o quanto a fé pode ser de grande conforto para aqueles que ficam. Talvez tudo isso estivesse adormecido no fundo da sua mente durante uma das últimas conversas que tivera com a sua mãe, bom, uma das lúcidas pelo menos. Ela ainda vivia em casa, mas os filhos já haviam sido obrigados a contratar os serviços da filha de uma vizinha para ir até lá e passar os dias com ela, e por fim as noites também.

No último ano, antes de ela se ter desligado deles por completo, deslizando para o mundo onde passara os seus derradeiros anos, parara de rezar. O seu terço, outrora tão estimado, sumira; o crucifixo desaparecera da cabeceira da sua cama; e deixara de assistir à missa, muito embora a rapariga do andar de baixo lhe perguntasse muitas vezes se ela não gostaria de ir com ela.

– Hoje não – respondia sempre, como que deixando em aberto a possibilidade de ir amanhã, ou no dia seguinte.

Mantivera a mesma resposta até que a rapariga, e depois a família Brunetti, parou de perguntar. Isso não pôs fim à sua curiosidade sobre o estado de espírito dela, apenas à sua manifestação exterior. À medida que o tempo passava, o seu comportamento tornava-se mais alarmante: tinha dias em que não reconhecia nenhum dos seus filhos e havia outros dias em que os reconhecia e conversava com bastante animação sobre as suas vizinhas e seus respectivos filhos. Depois, a gravidade da doença mudou e em breve os dias em que ela conhecia os filhos ou em que se lembrava de que tinha vizinhas eram cada vez menos. Num desses últimos dias,

um agreste e triste dia de Inverno seis anos antes, Brunetti fora visitá-la ao fim da tarde, para tomar chá e para comer os bolinhos que ela fizera nessa manhã. Foi por acaso que ela cozinhou esses bolos; na verdade ele dissera-lhe três vezes que iria vê-la, mas ela não se lembrara.

Enquanto estiveram sentados a bebericar o chá, descreveu-lhe um par de sapatos que vira na montra de uma loja na véspera e decidira que gostaria de comprá-los. Brunetti, embora soubesse que a mãe não saía de casa há seis meses, ofereceu-se para ir comprá-los no seu lugar, se ela lhe dissesse onde ficava a loja. O olhar que a mãe lhe devolveu foi destroçado e de pânico, mas disfarçou-o e respondeu que preferia ir ela mesma para experimentá-los a fim de ter a certeza de que lhe serviam.

Baixou os olhos contemplando a sua chávena de chá depois de dizer isso, fingindo não ter reparado no seu lapso de memória. Para aliviar a tensão do momento, Brunetti perguntara, de súbito:

– *Mamma*, acredita em todas essas coisas sobre o céu e a vida após a morte?

Ela ergueu os olhos para fitar o seu filho mais novo, e este reparou como a íris ficara nublada.

– Céu? – perguntou ela.

– Sim. E Deus – respondeu Brunetti. – Tudo isso.

Ela tomou um pequeno gole de chá e inclinou-se para a frente a fim de pousar a sua chávena no pires. Em seguida, endireitou-se: sempre se sentou muito direita, mesmo até ao fim. Então, sorriu, o sorriso a que sempre recorria quando Guido lhe fazia uma das suas perguntas, aquelas a que era tão difícil dar uma resposta.

– Seria bom, não seria? – respondeu ela e pediu-lhe para lhe servir mais chá.



Brunetti sentiu Paola parar a seu lado e então estacou de repente, arrancado às suas recordações e de súbito atento ao lugar onde se encontravam e ao que estava a passar-se. Num canto afastado, na direcção de Murano, havia uma árvore em flor. Cor-de-rosa. Cerejeira? Pessegueiro? Não tinha a certeza, não percebia muito de árvores, mas sentiu-se reconfortado

o suficiente com o cor-de-rosa, uma cor de que a sua mãe sempre gostara, ainda que não lhe ficasse muito bem. O vestido que envergava dentro do caixão era cinzento, uma peça fina de lã de Verão que ela tinha há anos e que usara apenas muito poucas vezes, afirmando a brincar que queria guardá-lo para ser enterrada com ele. Pois bem.

O vento agitou de repente as extremidades da estola púrpura do padre, fazendo-as levantar no ar; ele parou junto à cova e esperou que as pessoas que acompanhavam o enterro se reunissem num círculo oval indisciplinado. Este não era o pároco da paróquia, aquele que rezara a missa, mas sim um colega de escola de Sergio que era amigo íntimo da família e que era agora o capelão do Ospedale Civile. A seu lado, um homem aparentando pelo menos a idade da mãe de Brunetti ergueu uma taça de latão de onde o padre retirou o aspersório. Proferindo uma oração num tom de voz que apenas as pessoas mais próximas dele conseguiam ouvir, caminhou à volta do caixão, aspergindo-o com a água benta. O padre precisava de prestar atenção ao sítio onde punha os pés por entre as coroas de flores encostadas às suas estruturas de madeira em ambos os lados da campa, mensagens de amor escritas em letras douradas ao longo das fitas que as envolviam.

Brunetti olhou através do padre, de novo na direcção da árvore. Outra lufada de vento varreu o muro e agitou as flores cor-de-rosa. Uma nuvem de pétalas desprendeuse e dançou pelos ares, depois caiu lentamente sobre a terra, cercando o tronco numa auréola rosada. Um pássaro começou a cantar algures a partir do interior das flores que restaram na árvore.

Brunetti retirou o seu braço livre do de Paola e limpou os olhos com a parte interior da manga do seu casaco. Quando os abriu, outra nuvem de flores soltou-se da árvore e voou; as suas lágrimas duplicaram de tamanho até que nada mais além de uma névoa rosada preencheu o horizonte.

Paola agarrou-lhe na mão e apertou-a, deixando nela um lenço azul-claro. Brunetti assoou-se e limpou os olhos, amarrotou o lenço na sua mão direita e enfiou-o no bolso do casaco. Chiara aproximou-se dele pelo outro lado e deu-lhe a mão. Manteve-a ali enquanto as palavras eram proferidas, orações rezadas ao vento, e os coveiros avançaram de ambos os lados da campa a fim de erguer as cordas e descer o caixão à terra. Brunetti teve um momento de completo desnorтеio e deu por si

a procurar o velhote de Dolo, mas foram os coveiros, e não o velhote, quem lançou a terra sobre o caixão. A princípio soou-lhe a oco, mas, quando ficou coberto por uma fina camada, o som mudou. A Primavera fora molhada e os pesados torrões de terra caíram com um baque surdo. E mais uma vez, e depois outra vez.

E então alguém no outro lado, poderá ter sido o filho de Sergio, deixou cair um ramalhete de narcisos sobre a terra no fundo da cova, voltou costas e afastou-se. Os coveiros fizeram uma pausa, apoiando-se nas pás, e as pessoas em torno da campa aproveitaram esta oportunidade para se afastar, encaminhando-se através da relva que adquirira há pouco uma cor verde em direcção à saída e à paragem do *vaporetto*. As conversas prosseguiram com interrupções à medida que toda a gente tentava encontrar a palavra certa a dizer e, não o conseguindo, pelo menos dizer alguma coisa.

O 42 surgiu e todos embarcaram. Brunetti e Paola preferiram sentar-se no exterior. De repente, pareceu ficar frio na sombra do tombadilho do barco. O que fora uma brisa confinada aos muros do cemitério soprava aqui na forma de vento frio e Brunetti fechou os olhos e baixou a cabeça a fim de lhe fugir. Paola encostou-se a ele e, ainda de olhos fechados, ele rodeou-lhe os ombros com o braço.

O motor mudou de tom e ele sentiu o súbito abrandamento do barco à medida que se aproximavam de Fondamenta Nuove. O *vaporetto* começou a fazer a curva ampla que o conduziria ao cais e o sol brincava nas costas de Brunetti, aquecendo-o. Ergueu a cabeça, abriu os olhos e viu a parede de edifícios e atrás deles campanários que assomavam aqui e ali.

– Já falta pouco – ouviu Paola dizer. – Voltamos para casa do Sergio, depois almoçamos e em seguida podemos ir dar uma volta.

Brunetti assentiu com a cabeça. Regressavam a casa do irmão para agradecer aos amigos mais chegados que os tinham acompanhado e depois a família iria almoçar. Em seguida, os dois – ou os quatro, caso os miúdos também quisessem ir – podiam ir dar uma volta: talvez até ao Zattere ou descerem até aos Giardini para caminharem ao sol. Desejava que fosse um longo passeio, para que pudesse ver os locais que o faziam lembrar a sua mãe, comprar alguma coisa numa das lojas de que ela gostava, talvez entrar em Frari e acender uma vela em frente da *Assunzione*, um quadro que ela sempre adorara.

A Rapariga dos Seus Sonhos

O barco aproximou-se mais.

– Não há nada... – começou ele a dizer mas interrompeu-se, sem ter muita certeza do que queria dizer.

– Não há nada mais a recordar nela excepto as coisas boas – terminou Paola no seu lugar.

Sim, era isso mesmo.